



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS DE ABAETETUBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS**

THAIS MOTA GOMES

PEDAGOGIA HOSPITALAR: a prática pedagógica no Espaço Acolher da
Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará

ABAETETUBA - PA

2022

THAIS MOTA GOMES

**PEDAGOGIA HOSPITALAR: A PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ESPAÇO
ACOLHER DA FUNDAÇÃO SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DO PARÁ**

Trabalho de conclusão de curso apresentado a Faculdade de Educação e Ciências Sociais, da Universidade Federal do Pará - Campus de Abaetetuba, para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia; orientado pela Professora Doutora Mariza Felipe Assunção.

ABAETETUBA - PA

2022

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará**
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M917p Mota, Thais.
PEDAGOGIA HOSPITALAR: a prática pedagógica no Espaço
Acolher da Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará / Thais
Mota. — 2022.
XLIV, 44 f.: il. color.

Orientador(a): Prof^ª. Dra. Mariza Felipe
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de
Pedagogia, Abaetetuba, 2022.

1. Pedagogia Hospitalar. 2. Crianças Escalpeladas. 3.
Prática Pedagógica. I. Título.

CDD 370.7108115

THAIS MOTA GOMES

**PEDAGOGIA HOSPITALAR: A PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ESPAÇO
ACOLHER DA FUNDAÇÃO SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DO PARÁ.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
a Faculdade de Educação e Ciências Sociais,
do Campus de Abaetetuba, da Universidade
Federal do Pará, para obtenção do grau de
Licenciatura em Pedagogia.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Mariza Felipe Assunção (Orientadora)

Prof. Dra. Crisolita Gonçalves dos Santos (Examinadora – UFPA)

Aprovado em: 13 / 07 / 2022

Resultado: _____

Dedico este trabalho à Deus, pois sem ele nada disso seria possível, aos meus pais e às minhas irmãs. Em especial minha avó materna que não está mais presente entre nós, mas estará sempre em meu coração.

AGRADECIMENTOS

À Deus que me permitiu chegar até aqui e poder concluir esta grande etapa em minha vida, me dando força e me sustentando em todas as vezes que eu pensei em desistir. Sem Ele eu nada seria.

À minha avó Guiomar que foi a pessoa que me acolheu em sua casa no começo desta graduação com todo amor e carinho e hoje virou uma linda estrelinha no céu.

À minha mãe Terezinha e ao meu pai Manoel por todo apoio e suporte durante esta caminhada, vocês foram essenciais para a concretização deste sonho.

Às minhas irmãs Thaynara e Thamyres que me auxiliaram por diversas vezes durante esta caminhada da graduação.

Ao meu namorado, Arthur Pereira, pelo amor, apoio e incentivo que foi fundamental na reta final desta trajetória.

Às minhas amigas Allana e Thayane que estiveram presentes desde o começo desta graduação, vocês foram muito importantes ao longo dessa caminhada. Obrigada pela amizade.

À minha orientadora Mariza Felipe que foi de extrema relevância para a elaboração deste trabalho, por toda compreensão, incentivo e por sempre se mostrar solícita.

E aos demais que fizeram parte direta ou indiretamente da minha formação. Deixo aqui o meu muito obrigada!

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.”

Paulo Freire

RESUMO

O presente estudo se assenta no âmbito da Pedagogia Hospitalar e visa compreender o papel do pedagogo no ambiente não escolar, bem como ressaltar a importância da mesma para crianças que se submetem a períodos longos de tratamento decorrente ao escarpelamento, podendo assim se ausentar por algum tempo da escola e do seu ambiente familiar. O Objetivo desse estudo é compreender o trabalho didático-pedagógico que o pedagogo hospitalar desenvolve no âmbito dos processos de ensino e aprendizagem no ambiente hospitalar. Metodologicamente realizou-se a pesquisa qualitativa no âmbito bibliográfico e documental, bem como a realização de entrevistas. Destacando as ações educacionais que foram criadas para atender as crianças escarpeladas que se encontram dentro do Espaço Acolher, haja vista toda fragilidade, baixa autoestima, medo e angustia que as mesmas sentem. Logo, é possível observar os benefícios, tanto na aprendizagem dessas crianças quanto nos aspectos emocionais e sociais, que o trabalho do educador pode proporcionar à essas crianças que estão em tratamento.

Palavras-chave: Crianças Escarpeladas; Prática Pedagógica; Pedagogia Hospitalar.

ABSTRACT

The present study is based on the scope of Hospital Pedagogy and aims to understand the role of the pedagogue in the non-school environment, as well as highlighting its importance for children who undergo long periods of treatment resulting from scalping, thus being able to be absent for some time. school and their family environment. The objective of this study is to understand the didactic-pedagogical work that the hospital pedagogue develops in the context of teaching and learning processes in the hospital environment. Methodologically, qualitative research was carried out in the bibliographic and documentary scope, as well as interviews. Highlighting the educational actions that were created to serve the scalped children who are inside the Espaço Acolher, given all the fragility, low self-esteem, fear and anguish they feel. Therefore, it is possible to observe the benefits, both in the learning of these children and in the emotional and social aspects, that the work of the educator can provide to these children who are undergoing treatment.

Keywords: Scalped Children; Pedagogical Practice; Hospital Pedagogy.

SUMÁRIO

CAPITULO 1

A PEDAGOGIA HOSPITALAR NO CONTEXTO DA FUNDAÇÃO SANTA CASA DE MISERICORDIA DO PARÁ-FSCMPA	12
---	-----------

1.2 Visão macro sobre o que é ser professor.....	15
--	----

CAPÍTULO 2

DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA: ASPECTOS PEDAGÓGICOS E HISTÓRICOS..	18
---	-----------

2.1 O surgimento das classes hospitalares no Brasil.....	18
--	----

2.2 Acompanhamento pedagógico para crianças que estão internadas no Brasil.....	23
---	----

2.3 Inserção do pedagogo em ambiente hospitalar.....	24
--	----

CAPÍTULO 3

A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO PARA CRIANÇAS HOSPITALIZADAS: AS BRINQUEDOTECAS E OS ESPAÇOS DE RECREAÇÃO NA APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS: A EXPERIENCIA DO ESPAÇO ACOLHER	26
--	-----------

3.1 Sobre o Espaço Acolher.....	28
---------------------------------	----

3.2 A prática pedagógica do Espaço Acolher.....	29
---	----

4. CONCLUSÃO.....	33
--------------------------	-----------

5. REFERÊNCIAS	35
-----------------------------	-----------

ANEXOS.....	37
--------------------	-----------

APRESENTAÇÃO

A presente pesquisa surgiu com objetivo de conhecer e analisar a prática pedagógica dos pedagogos que atuam no Espaço Acolher da Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará, onde atende vítimas de escarpelamento e em suas raras exceções recebe pacientes com outras patologias, visto que a Pedagogia Hospitalar é um assunto tão relevante e de tão pouco conhecimento dentro as instituições de ensino. Este estudo possibilita a compreensão da importância que a Pedagogia Hospitalar tem para crianças e adolescentes internados ou que passam por um certo período de tratamento, o papel que o pedagogo desenvolve durante este processo é imprescindível para que esses alunos não sejam prejudicados no seu processo de ensino e aprendizagem.

Esta pesquisa ressalta a relevância da pedagogia hospitalar para crianças e jovens que estão hospitalizados, bem como seus direitos e deveres e o amparo que a Constituição Federal de 1988 lhes dá. Possibilita analisar o trabalho didático-pedagógico que o pedagogo desenvolve no âmbito dos processos de ensino e aprendizagem em ambiente hospitalar, visando as conquistas e dificuldades que essas crianças enfrentam para dar continuidade ao seu processo de escolarização. A fragilidade decorrente ao seu estado de saúde, torna necessário que haja mecanismos que auxiliem sua aprendizagem, a utilização do lúdico ou de brinquedotecas dentro do ambiente hospitalar, entram neste contexto como uma forma não somente de propiciar um espaço mais alegre, como também de contribuir significativamente no desenvolvimento intelectual e cognitivo destes enfermos.

Este estudo resulta de uma pesquisa bibliográfica, pois foi realizado através artigos e documentos já publicados. Possui também um cunho qualitativo, uma vez que é caracterizado por uma abordagem mais subjetiva e profunda do objeto analisado, estudando as suas particularidades, especificidades e experiências individuais, de maneira exploratória onde os entrevistados são estimulados a opinar mais livremente seus pontos de vista sobre determinados assuntos que estejam relacionados com o objeto de estudo.

A utilização de uma entrevista semiestruturada contribuiu igualmente para a construção da metodologia desta pesquisa, visto que este método combina perguntas abertas e fechadas,

possibilitando ao entrevistado discorrer sobre o tema proposto. Portanto um conjunto de questões previamente definidas deve ser seguido, ocorrendo em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal. A entrevista é uma forma de colher informações mais específicas sobre as crianças e os jovens escarpeladas do Espaço Acolher, ter o contato direto com o pedagogo hospitalar é a melhor maneira de compreender como se da a prática pedagógica que ele desenvolve e quais atividades são ministradas por ele dentro deste ambiente.

É válido ressaltar que, uma vez dentro do hospital a criança escarpelada se encontra mais debilitada e fragilizada, além de conviver com outras crianças que possuem algum tipo de enfermidade e por conta disso são impossibilitadas de frequentar a escola, também é possível encontrar inúmeros obstáculos que desestimulem essas crianças. Cabe ao pedagogo que acompanha o enfermo hospitalizado fazer com que ele se sinta o mais confortável possível dentro deste espaço para que assim possa se desenvolver, trabalhando e estimulando seu processo de aprendizagem.

As atividades desenvolvidas para trabalhar com as crianças escarpeladas atendidas pelo Espaço Acolher são organizadas em um Plano de Trabalho que conta com a criação de projetos e fazem o uso de imagens afetivas, sendo estas imagens já conhecidas por elas, possuindo uma certa familiaridade, assim como a elaboração de um caderno pedagógico criado juntamente com vítimas que é utilizado para auxiliar a sua alfabetização. Todos os exercícios desenvolvidos para essas crianças escarpeladas tem como objetivo viabilizar seu ensino para que não sejam prejudicadas por sua condição de saúde.

CAPITULO 1

A PEDAGOGIA HOSPITALAR NO CONTEXTO DA FUNDAÇÃO SANTA CASA DE MISERICORDIA DO PARÁ-FSCMPA

A educação é o mais importante foco de uma sociedade, é com ela que nos desenvolvemos e crescemos como cidadãos e para que se tenha um melhor entendimento sobre a Pedagogia Hospitalar, levantando suas bases legais e evidenciando as diferentes formas de atuação do pedagogo no ambiente hospitalar, faz-se necessário antes de tudo tomar conhecimento sobre o termo Pedagogia, visto que, é com o surgimento dela que se tem início dos processos educativos que temos conhecimento até hoje.

A Pedagogia originou-se, na Grécia antiga, onde se iniciaram os primeiros questionamentos e reflexões sobre as ações pedagógicas. A pedagogia centra-se no ato de transmitir o conhecimento e visa refletir, criticar, organizar e sistematizar o processo educativo. Para Libâneo (2001):

É uma área do conhecimento que investiga a realidade educativa no geral e no particular, mediante conhecimentos científicos, filosóficos e técnicos profissionais buscando explicação de objetivos e formas de intervenção metodológicas e organizativas em instâncias das atividades educativas implicada no processo de transmissão/ apropriação ativa de saberes e modo de ação (2001, p. 44).

Segundo Mialaret (apud Libâneo 1998, p.163) estabelece o Pedagogo como “mestre ao qual se dá o encargo de instruir e de educar um aluno, de ensinar-lhe gramática e de vigiar suas ações”. Libâneo ressalta nesta exposição sua ligação com a sabedoria, o ensino por meio do saber. Ainda conforme o autor, é imprescindível levarmos em conta que a Pedagogia como a entendemos hoje, está relacionada a Modernidade e a grandes marcos como a Revolução Francesa e a Industrial.

Mas como compreendermos Pedagogia? Libâneo (1998) frisa que Pedagogia:

É o campo do conhecimento que se ocupa do estudo sistemático da educação, isto é, do ato educativo, da prática educativa concreta que se realiza na sociedade como um dos ingredientes básicos da configuração da atividade humana. (1998, p.22)

A partir dessas concepções, ficou mais evidente a atribuição que foi incumbida a pedagogia, sendo este um campo de sabedoria ligado a conhecimentos e que se preocupa com a educação sendo este profissional o responsável pelos processos de educação. Em contrapartida, sabemos que apesar de todas essas definições, a pedagogia atualmente possui um vasto campo de atuação se expandindo cada vez mais a organizações não governamentais - ONGs, empresas, maternidades e em especial o hospital que é o centro desta pesquisa. Ambiente não escolar que possibilita a criação de um trabalho voltado para práticas pedagógicas visando atender crianças e jovens que ali se encontram.

A pedagogia hospitalar leva o ensino e a aprendizagem à crianças e adolescentes impedidos de frequentar a escola por motivos de saúde, viabilizando o ensino para que desta forma não sejam prejudicados no seu processo de escolarização. Os profissionais que atuam neste ramo possuem as mesmas tarefas do professor tradicional e têm como objetivo desenvolver atividades adequadas para essas crianças que estão hospitalizadas, ressaltando que o acompanhamento pode se dar até mesmo na própria residência da criança. O pedagogo hospitalar possui uma ligação direta com o hospital, a equipe de ensino, o enfermo, a família, a Secretária de Educação e a escola na qual a criança está matriculada, ficando incumbido de consultar o médico para saber se o paciente está habilitado para receber assistência pedagógica.

A Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará-FSCMPA, foi um dos primeiros hospitais de Belém do Pará, construída 34 anos após a fundação da cidade, conta com uma equipe de pedagogos hospitalares que possuem a função de amparar crianças e jovens que estão hospitalizados. Sua sede foi fundada no dia 24 de fevereiro de 1650, com o nome de Irmandade da Santa Casa de Misericórdia do Pará e seu fundador é desconhecido.

O Espaço Acolher foi criado pela Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará com o intuito de assegurar o atendimento humanizado aos pacientes vindos de municípios distantes, que não possuem casa de apoio na capital e necessitam realizar tratamento especializado. O Espaço tem como prioridade atender vítimas de escarpelamento, mas em caráter excepcional, recebe pacientes com outras patologias que necessitem de acolhimento de curto prazo. O local foi criado no ano de 2006, em uma ala do Pavilhão São José, nas dependências da FSCMPA e iniciou suas atividades como Classe Hospitalar no ano de 2011 com o objetivo de diminuir o longo tempo de hospitalização. Durante o período de tratamento seus familiares ou acompanhantes também permanecem residindo no local onde recebem hospedagem humanizada e alimentação.

O escalpelamento é a retirada acidental e abrupta de parte ou da totalidade do couro cabeludo da vítima e comumente ocorre nos rios da Amazônia. Este acidente sucede quando crianças e jovens ribeirinhas, na maioria dos casos, têm parte do cabelo atrelado ao eixo do motor descoberto em embarcações de transporte. Em grande parte dos casos as vítimas sofrem graves mutilações no rosto, pescoço, assim como lesões nas sobrancelhas e região dos olhos. As mesmas são encaminhadas a capital para dar início ao tratamento realizado pela FSCMPA, que hoje se tornou referência no atendimento integral a esses pacientes, oferecendo total assistência, da chegada até o retorno seguro aos seus municípios de origem.

A classe hospitalar proporciona aos educadores e educadoras novos estímulos e novas perspectivas no desenvolvimento e construção de sua identidade profissional. Segundo Matos e Mugiatti (2009), entende-se que:

A Pedagogia Hospitalar, é aquele ramo da Pedagogia, cujo objeto de estudo, investigação e dedicação é a situação do estudante hospitalizado, a fim de que continue progredindo na aprendizagem cultural, formativa e, muito especialmente, quanto ao modo de enfrentar a sua enfermidade, com vistas ao autocuidado e à prevenção de outras possíveis alterações na sua saúde (p. 79).

A Pedagogia Hospitalar deve propiciar uma condição de vida melhor para as crianças e adolescentes hospitalizados. É importante ressaltar que as classes hospitalares não podem ser vistas como salas de aula comum, mas deve ser um espaço aconchegante, alegre e colorido. Um ambiente capaz de fazer a criança e o adolescente esquecer de todos os traumas e sofrimentos vivenciados durante o período de internação ou tratamento.

Pelo fato de o paciente está internado no hospital, sua vida social, escolar e cultural deixou de existir. Além da situação debilitante, esse isolamento pode levar ao desânimo do paciente. Nessa perspectiva a pedagogia hospitalar desempenha um papel para além do contexto educacional, pois retoma a sensação de não está parado no tempo. Segundo as autoras Ortiz e Freitas (2005), um dos grandes desafios dos profissionais que atuam nesta área é desmitificar o fato de que um hospital é apenas lugar de dor e sofrimento, seu ambiente deve ser um espaço que desperte a inspiração da vida.

A Constituição Federal de 1988, diz que a educação é um direito de todos e dever do Estado e da família. Se a lei máxima que define os direitos e deveres dos cidadãos brasileiros garante o acesso à educação, cabe aos pedagogos e demais profissionais da educação, levá-la as diferentes situações onde se encontra o educando. É válido destacar que por mais que haja

leis garantindo o direito às crianças e adolescentes ao tratamento médico em ambiente escolar e recreativo, não são todos os hospitais que proporcionam esse acesso.

A educação como um direito de todos e garantida por lei, possibilita aos alunos que carecem de internação prolongada ou indefinida, bem como aqueles em tratamento oncológico, direito a educação hospitalar. Os pacientes que necessitam de educação especial residencial também são amparados pelo artigo 1º do Decreto de Lei nº 1044/69, que afirma:

Art 1º São considerados merecedores de tratamento excepcional os alunos de qualquer nível de ensino, portadores de afecções congênicas ou adquiridas, infecções, traumatismo ou outras condições mórbidas, determinando distúrbios agudos ou agudizados, caracterizados por: a) incapacidade física relativa, incompatível com a frequência aos trabalhos escolares; desde que se verifique a conservação das condições intelectuais e emocionais necessárias para o prosseguimento da atividade escolar em novos moldes.

Esta lei se faz muito atual, pois assegura o prosseguimento dos estudos aos alunos que se encontram em recuperação ou tratamento de alguma enfermidade, dando o apoio necessário para não serem prejudicados.

1.1 Visão macro sobre o que é ser professor

A palavra professor significa aquele que transmite conhecimento ou ensinamentos a um indivíduo. O professor é, antes de tudo, alguém que sabe alguma coisa e ensina a alguém. A função de ensinar é bem anterior ao processo de fundação das primeiras instituições educadoras da história. Esta incumbência veio antes mesmo que a escrita fosse criada e juntamente com a oralidade, possuíram relevante atribuição no sentido de repassar aquilo que era considerado importante.

O homem por meio da imitação ou relatos orais, consegue gerar e expandir as mais diversas formas de se relacionar com o mundo que o cerca. Desde os tempos antigos houve a necessidade de designar pessoas específicas para ensinar certas habilidades. Desde a antiguidade até os dias atuais, a imagem dos professores passou por mudanças muito significativas. Na antiguidade o professor era visto como sagrado, condutor de todo conhecimento e formador de costumes adequados à sociedade.

Seu objetivo era repassar o saber acumulado depositando este conhecimento na cabeça do aluno, de forma com que ele absorvesse toda e qualquer informação. Este aluno por sua vez

era totalmente submisso ao professor e a relação entre os dois era baseada na obediência e no medo, sendo apenas através dele que se conseguiria formar um cidadão para viver em sociedade e ter um futuro promissor.

No entanto, muita coisa mudou. A sociedade atual exige que o professor seja consciente de que ele não é o detentor de todo conhecimento, pois sua formação é falha e necessita de mecanismos para que se possa realizar um bom trabalho, formações continuadas estão entre as práticas que auxiliariam neste processo. É necessário que este educador seja capaz de enfrentar os desafios do dia-a-dia, se desvinculando da ideia de enxergar os alunos como sendo iguais em relação à ritmos e aprendizagens.

Ele deve ser um mediador que vai apontar os caminhos e orientar o aluno na construção do seu conhecimento, sempre buscando motivá-lo e desta forma obtendo um bom resultado. É possível afirmar que o fator distintivo da atividade docente que se mantém ao longo do tempo é o ato de ensinar. Entretanto, a função de ensinar nos dias atuais já não pode ser definida pela atividade de transmitir conteúdos delimitados por disciplinas escolares.

A obra de Maurice Tardif sobre Saberes Docente e Formação Profissional (2002) é constituída por conhecimentos oriundos de várias fontes: curricular, proveniente de programas e manuais escolares; disciplinar, caracterizado pelo conteúdo das disciplinas a serem ensinadas; profissional, derivados da formação acadêmica; o saber da experiência, vindos da prática docente e o saber cultural, simbolizado pelas experiências culturais e pela trajetória de vida.

A relevância desse saber plural se dá ao fato de que a tarefa do docente na atualidade envolve uma responsabilidade muito mais profunda, que é a de formar o aluno em uma perspectiva integral, ou seja, tornando-o um ser crítico e autônomo perante os desafios exigidos por uma sociedade em constante mudança. Desenvolver a capacidade de aprendizagem do aluno também está vinculada ao papel do professor e mesmo sabendo a sua importância na formação do mesmo enquanto seres íntegros e racionais, tudo se torna um pouco mais difícil na prática, pois existem vários obstáculos para a consolidação deste processo.

Ser professor nos dias atuais é uma tarefa bem difícil, pois além de todos os empecilhos impostos pela baixa remuneração, falta de estrutura dentro das escolas, pouco amparo por parte dos órgãos governamentais, dentre outros, ele também precisa se dedicar integralmente ao aprendizado, ao seu desenvolvimento profissional e principalmente aos seus alunos. Como principal mediador da aprendizagem, ele está ativamente envolvido no processo de

aprendizagem, estimulando a busca de novos conhecimentos, tendo profundo conhecimento do campo do saber que pretende ensinar, além de ser capaz de produzir novos saberes por meio da realidade que o cerca.

É válido ressaltar que a sociedade atual espera que o educador além de ser comprometido com o aprendizado, também tenha paciência, criatividade, humildade e saiba lidar com os alunos. A relação de autoridade entre professor e aluno, que antes predominava no ambiente escolar, aos poucos deixou de existir. O docente passou a ser identificado e respeitado pelo seu conhecimento e por conseguir encontrar maneiras que facilitem a aprendizagem do aluno.

Tornando-se um profissional mais próximo do estudante, enxergando-o em sua integralidade, levando em conta suas particularidades enquanto pessoa. Este reconhecimento humano torna a prática educativa mais significativa, à medida em que os professores passam a ver seus alunos como indivíduos com necessidades diferentes e especiais. Além de compreender os conteúdos programáticos e a prática docente, os professores devem desenvolver em si mesmos uma visão integral e humana da educação. Quanto melhor for o desempenho do docente, melhor será o desempenho do estudante.

O professor crítico-reflexivo atua no plano do social, da realidade, como forma de garantir os interesses do coletivo. A aprendizagem advém nessa perspectiva quando o indivíduo entra em contato com novos conhecimentos, desenvolvendo suas habilidades e competências, de forma com que facilite o seu processo de ensino. Desta maneira, para que o professor realize um excelente trabalho educativo é necessário não somente transmitir o seu conhecimento para os alunos, mas também contar com todo corpo docente da escola e da família.

CAPÍTULO 2

DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA: ASPECTOS PEDAGÓGICOS E HISTÓRICOS

A pedagogia Hospitalar pode promover o desenvolvimento intelectual, social e psicológico das crianças em tratamento. Como tal, pode abranger a educação formal, a continuidade do estudo do aluno, a transformação de um ambiente convencional em um ambiente hospitalar ou educação não formal, principalmente mediante ao uso da brinquedoteca, atividades lúdicas, oficinas e outros programas.

De acordo com Esteves (2008), os primeiros traços da Pedagogia Hospitalar, surgiram em 1935 na França, através da criação da primeira escola para crianças especiais. O Centro Nacional de Estudos e de Formação para infâncias inadaptadas (C.N.E.F.E.I), foi inaugurado pelo então Ministro da Educação Henri Siellier, em 1939 na cidade de Suresnes. Seu objetivo era formar professores para atuar em hospitais e outras instituições. Nesse mesmo ano, foi criada a figura do Professor Hospitalar, que contém uma formação realizada em dois anos, onde qualificava profissionais para atuar em hospitais ou espaços que se assemelha-se com ambiente hospitalares.

Segundo Vasconcelos (2003), considera-se como marco do surgimento das escolas em hospitais a Segunda Guerra Mundial, devido ao grande número de crianças e adolescentes atingidos, mutilados e impossibilitados de ir à escola. Diante disto, emerge o seguinte problema: Qual o papel do pedagogo na Classe hospitalar do espaço Acolher da Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará? Faz-se necessário primeiramente entender como se deu o seu surgimento da pedagogia hospitalar no Brasil.

2.1 O surgimento das classes hospitalares no Brasil

A origem da Pedagogia Hospitalar no Brasil se deu em solo Paranaense, com a criação de classe hospitalares, devido a necessidade existente de pessoas que, por motivos de saúde, não puderam mais frequentar a escola, tendo que interromper o seu processo de escolarização. Entretanto, na maioria das pesquisas realizadas, a Pedagogia Hospitalar no Brasil deu-se início na década de 50, na cidade do Rio de Janeiro no Hospital Menino Jesus, iniciando suas

atividades em 14 de agosto de 1950, com crianças com paralisia infantil que permaneciam hospitalizados durante anos. (FONSECA, 1999).

Foram registradas pelo Ministério da Educação – MEC, em junho de 2004 apenas treze unidades federadas com atendimento educacional pedagógico nos hospitais, na Bahia, Acre, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e São Paulo.

Embora a Pedagogia Hospitalar tenha chegado a pouco tempo no Brasil, a mesma ganhou maior conjuntura por meio da Resolução N°1 de 15 de maio de 2006, uma vez que, antes o pedagogo poderia desenvolver seu trabalho apenas dentro de ambientes de educação formal, mas a partir desta Resolução, obtiveram a oportunidade de expandir suas atividades por outros meios educacionais, no qual se pode observar:

Art. 4º O curso de Licenciatura em Pedagogia destina-se à formação de professores para exercer funções de magistério na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar e em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos. (RESOLUÇÃO CNE/CP N° 1, DE 15 DE MAIO DE 2006).

Há amparo também para alunos que necessitam de educação especial e estão hospitalizados na Constituição Federal de 1988, no Decreto de Lei n°1044/69, em seu art 2º onde diz que: “Atribuir a esses estudantes, como compensação da ausência às aulas, exercícios domiciliares com acompanhamento da escola, sempre que compatíveis com o seu estado de saúde e as possibilidades do estabelecimento”.

Um suporte na resolução 41/95 que trata especificamente da Criança e do Adolescente Hospitalizados, na qual manifesta no seu artigo 9º que eles têm o “Direito de desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde, acompanhamento do currículo escolar durante sua permanência hospitalar”. É notório o apoio que as crianças e jovens hospitalizados recebem perante as Leis e Resoluções, mas é de vital importância entender que nem sempre as coisas funcionam diante da presença das mesmas.

Neste contexto é viável encontrar apoio juntamente com a publicação do Ministério da Educação, em 2002, intitulada “Classe Hospitalar e Atendimento Pedagógico Domiciliar: estratégias e orientações”. Nesse documento, a criança em situação de internação deve ter garantida a continuidade de seu desenvolvimento educacional, seja na circunstância de

internação ou atendimento em hospital-dia e hospital-semana, seja no próprio domicílio, ou, ainda, em serviços ambulatoriais.

O atendimento educacional hospitalar e o atendimento pedagógico domiciliar devem estar vinculados aos sistemas de educação como uma unidade de trabalho pedagógico das Secretarias Estaduais, do Distrito Federal e Municipais de Educação, como também às direções Clínicas dos sistemas e serviços de saúde em que se localizam. Compete às Secretarias de Educação, atender à solicitação dos hospitais para o serviço de atendimento pedagógico hospitalar e domiciliar, a contratação e capacitação dos professores, a provisão de recursos financeiros e materiais para os referidos atendimentos. (Classe Hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar – estratégias e orientações, 2002, p. 15).

Diante dos documentos e do esteio encontrado no contexto da educação hospitalar, é plausível levar em conta o desenvolvimento educacional e as particularidades vivenciadas pela criança de modo a compreender a doença em seu aspecto multifatorial, considerando a readaptação da mesma ao seu convívio e possibilitando a aproximação com o mundo infantil do qual foi, por motivo de doença, afastada. Nesse cenário, deve-se oportunizar para as crianças hospitalizadas:

O acompanhamento pedagógico-educacional do processo de desenvolvimento e construção do conhecimento de crianças, jovens e adultos matriculados ou não nos sistemas de ensino regular [...] e que se encontram impossibilitados de frequentar escola, temporária ou permanentemente e, garantir a manutenção do vínculo com as escolas por meio de um currículo flexibilizado e/ ou adaptado, favorecendo seu ingresso, retorno ou adequada integração ao seu grupo escolar correspondente, como parte do direito de atenção integral. (Classe Hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar – estratégias e orientações, 2002, p. 13).

Após três anos da publicação do documento, é aprovada a lei que regulamenta a implantação de brinquedotecas hospitalares no Brasil, ação interligada ao Programa Nacional de Humanização da Assistência Hospitalar [PNHAH] - Lei nº 11.104, 2005 -, objetivando a manutenção dos direitos à educação e ao desenvolvimento de crianças que passam pelo tratamento médico e vivenciam a internação. Sua implantação pauta-se na seguinte redação:

Dispõe sobre a obrigatoriedade de instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação.

Art. 1 Os hospitais que ofereçam atendimento pediátrico contarão, obrigatoriamente, com brinquedotecas nas suas dependências.

Parágrafo único. O disposto no caput deste artigo aplica-se a qualquer unidade de saúde que ofereça atendimento pediátrico em regime de internação.

Art. 2 Considera-se brinquedoteca, para os efeitos desta lei, o espaço provido de brinquedos e jogos educativos, destinado a estimular as crianças e seus acompanhantes a brincar. (Lei nº 11.104, 2005, p. 1).

É válido ressaltar a importância dos avanços em relação as conquistas por meio da educação hospitalar, principalmente no que diz respeito ao laço entre o hospital e o sistema educacional, espaços diferentes que, na busca pelo processo de escolarização da criança, precisam se encontrar, de modo a propiciar o tratamento de saúde e, também, a aproximação com os espaços no âmbito da educação infantil.

O Ministério da Educação em conjunto com a Secretaria de Educação Especial criou em 2002 um documento para o atendimento nas classes hospitalares, com orientações e estratégias que amparam o acesso à educação das crianças hospitalizadas. O documento visa a necessidade de constituir ações políticas a favor do atendimento educacional em ambientes não escolar, assegurando o acesso à educação básica, e dando atenção as necessidades educacionais especiais, propiciando o desenvolvimento e favorecendo a construção dos conhecimentos desses educandos.

Todas as leis acerca da educação hospitalar ressaltam o direito da criança e do adolescente de exercer o direito a educação e de seu bem-estar, não apenas dentro de ambientes especiais, como o hospitalar, mas também dentro de sua própria casa. Sendo assim, esses direitos podem acrescentar esperança ao aluno e também conforto aos seus familiares, de saber que mesmo afastado do ambiente escolar convencional, o aluno não vai ter seus estudos interrompidos e poderá voltar, se possível for, com sua vida curricular em uma escola regular sem prejuízos educacionais.

Como o compreendido por Matos e Mugiatti (2014, p.72), na obra *Pedagogia Hospitalar: a humanização integrando a educação e saúde* diz que:

Observa-se que a continuidade dos estudos, paralelamente ao internamento, traz maior vigor às forças vitais da criança (ou adolescente) hospitalizada, como estímulo motivacional, induzindo-o a ser tornar mais participante e produtivo, com vistas a uma efetiva recuperação. Tal fato, além de gerar uma integração a participação ativa que entusiasma o escolar hospitalizado, pelo efetivo da continuidade da realidade externa, contribui, ainda de forma subconsciente, para o desencadeamento da vontade premente de necessidade

de cura, ou seja, nasce uma predisposição que facilita sua cura e abrevia o seu retorno ao meio a que estava integrado.

O papel do pedagogo para pacientes em idade de escolarização hospitalizados durante o tratamento médico é muito importante. Sabe-se que nesses casos o processo de ensino-aprendizagem ocorre em um ambiente não escolar, mas as práticas docentes não devem fugir de um dos principais objetivos do processo formativo: contribuir na formação de cidadãos/sujeitos autônomos, éticos, críticos, participativos e atuantes socialmente. Humanização é a palavra-chave no processo de ensino no contexto pedagógico-hospitalar, uma vez que, o professor deve saber reconhecer até que ponto o aluno pode contribuir com a atividade.

Esta visão vai além do relatório médico, pois envolve todo o emocional do paciente que normalmente já está mais fragilizado. Para isso, é primordial saber ouvir e ser ouvido, uma vez que escutar é de sua importância também, para poder assim, obter um bom resultado com o aluno. Em um momento de tanta fragilidade emocional e física, é importante que o pedagogo mantenha o foco em seus projetos e saiba trabalhar suas emoções para que o sentimento de pena não seja maior que sua vontade de ensinar e administrar o tempo através das práticas pedagógicas, uma vez que o maior bem que os seres humanos possuem que é a vida, pode estar em risco.

Encontra-se em Maria Montessori a origem do trabalho do pedagogo hospitalar, ela foi médica e pedagoga italiana, vivenciou os obstáculos e adversidades das duas grandes Guerras Mundiais acudindo crianças com os mais diversos problemas. Seu maior campo de trabalho foi o hospital e os sujeitos eram crianças hospitalizadas. Montessori criou um método (SEBARROJA, 2003) que, partindo do concreto rumo ao abstrato, possibilitasse aos meninos e meninas que aprenderem melhor pela experiência direta de procura e descoberta. Para tornar esse processo o mais rico possível, a educadora italiana desenvolveu os materiais didáticos que constituem um dos aspectos mais conhecidos de seu trabalho. São objetos simples, mas muito atraentes e projetados para instigar o raciocínio.

Há materiais pensados para contribuir com todo tipo de aprendizado, do sistema decimal à estrutura da linguagem. O método Montessori adequado para a Pedagogia Hospitalar por ser criado neste ambiente, se caracteriza numa prática educativa em que as crianças, livremente e pelo toque, vão explorando e descobrindo o mundo ao seu redor, sem qualquer cobrança quanto

ao tempo e a forma de aprender (MONTESSORI, s/d). Observa-se uma relação próxima entre o trabalho da Montessori com a pedagogia hospitalar, uma vez que esta por sua vez valoriza a suavização do ambiente hostil promovido pelas unidades de saúde, além de viabilizar inovações, recurso lúdicos e didáticos que cooperam na recuperação dos pacientes e auxiliam no desenvolvimento da aprendizagem.

Nesta perspectiva, o profissional que desenvolve trabalho pedagógico no ambiente hospitalar age como o "médico" que não trata do problema "físico", mas de outras demandas que estão associadas à doença e que se encontram fora do alcance da medicina tradicional. O pedagogo dedica-se a questões educacionais percebendo o ser humano como um todo e também tendo noção de que o desenvolvimento do homem acontece ao longo de toda a sua vida. Matos e Mugiatti (2014, p. 24) vão para além desse papel, quando descrevem:

O educador como participante da equipe de saúde, tem, portanto, a incumbência de retomar esse papel na sociedade, como agente de mudanças, mediante ações pedagógicas integradas, em contexto de educação informal, com vistas à formação de consciência crítica de todos os envolvidos, numa atuação incisiva, na reestruturação dos sistemas vigentes para uma nova ordem superior.

É válido ressaltar que o trabalho educacional realizado no ambiente hospitalar deve ser estruturado e possuir uma intencionalidade, um objetivo a ser conquistado e orientado pelas normatizações dos sistemas de ensino no qual a criança está vinculada, dando a possibilidade de continuidade nos processos formativos do sujeito e permitindo ao docente a realização de um trabalho orientado e não individualizado.

2.2 ACOMPANHAMENTO PEDAGÓGICO PARA CRIANÇAS QUE ESTÃO INTERNADAS NO BRASIL

A aproximação do contexto escolar ao ambiente hospitalar é um movimento desafiador na medida em que envolve a procura pelo restabelecimento da saúde e a busca pelo desenvolvimento psicológico, global e intelectual da criança. Se inserir em um hospital é percorrer um ambiente hostil de aparência monocromática, cheiros fortes e lamentos constantes. Espaço no qual as preocupações com a saúde, a vida e a morte se fazem presente.

Embora seja importante contextualizarmos a sociedade atual do ponto de vista social e educacional, é necessário salientarmos que dentro do âmbito do conhecimento desenvolve-se um longo processo histórico abrangendo a educação no século XX, a qual desafia escolas, professores e ambientes de formação pedagógica que se compreendem fora do espaço sala de aula. A Pedagogia Hospitalar está inserida neste contexto de processos diferenciados, em que novas práticas pedagógicas devem ser destaques para que a aprendizagem de fato ocorra, pois o real objetivo da pedagogia hospitalar é o atendimento pedagógico à crianças ou jovens hospitalizados ou em tratamento prolongados de saúde, buscando garantir a continuidade de seus estudos.

A formação das classes hospitalares é resultado do reconhecimento formal das necessidades educativas e dos direitos de cidadania das crianças hospitalizadas, em que se inclui a escolarização. O enfermo pode constituir seu novo ciclo de vida tão rápido quanto viável dentro de um espaço receptível socializado, mantendo assim uma relação com seu mundo exterior, propiciando relações sociais, incluindo suas famílias.

Por meio dessas classes a criança mantém um vínculo com seu mundo fora do hospital, pois por meio das práticas possibilitará contato com o mundo exterior. Se a escola também pode promover a saúde, o hospital pode ser defensor do processo de escolarização. Tendo como foco a instigação do prosseguimento aos estudos da criança hospitalizada. De maneira com que a mesma não perca sua direção e não se resulte em repetência, ou seja, para que não seja interrompido seu processo de aprendizagem.

Os vínculos de conhecimentos em uma classe hospitalar para (CECIMM e FONSECA, 1998, p. 80) são “injeções de ânimo, remédio contra os sentimentos de abandono e isolamento, infusão de coragem, instilação de confiança ao progresso e às capacidades da criança ou adolescente hospitalizado”. Deste modo pode-se proporcionar uma melhor condição de vida, uma vez que é vista como uma questão social, algo com seriedade e sensatez.

Devido ao destaque conquistado pelo tema, no Brasil, diversas instituições de ensino abordam a temática Pedagogia Hospitalar em suas propostas pedagógicas, fato que contribui para o aumento significativo de produções científicas sobre o assunto. Em pleno século XXI este segmento da pedagogia proporciona profundas mudanças, por termos ao nosso alcance possibilidades de minimizar a distância entre o exercício da cidadania e a formação pedagógica das crianças hospitalizados por meio das classes hospitalares.

O trabalho para atender essas crianças e minimizar o distanciamento entre a escola e o educando é longo, mas não impossível, até porque a legislação brasileira está criando condições para que esses atendimentos sejam realizados na forma de lei, possibilitando desta forma a formação pedagógica nos ambientes hospitalares e sociais em que se encontram jovens e crianças que necessitam dessa assistência. As legislações brasileiras vigentes amparam e legitimam o direito à educação as crianças hospitalizadas e impossibilitadas de frequentar a escola bem como a humanização e a sociabilidade destas pessoas.

2.3 A INSERÇÃO DO PEDAGOGO EM AMBIENTE HOSPITALAR

Ao abordar a pedagogia hospitalar como elemento primordial para o desenvolvimento da criança hospitalizada, é plausível revelar um protagonista muito importante: o professor. Profissional esse que, em suas atividades, ao atuar em ambientes hospitalares, transitará de seu espaço cotidiano, a escola, para ambientes onde a doença, o sofrimento e a angústia estarão presentes. Os professores terão que enfrentar a diversidade de princípios divergentes que abrangem a criança em tratamento, vivenciando as limitações do diagnóstico e do tratamento, mas também buscando probabilidades na hipótese de ensino e aprendizagem das crianças.

Nessa concepção, buscou-se compreender o ambiente hospitalar, levando em consideração seu campo de atuação educacional, os desafios enfrentados na atuação docente e as possibilidades e antagonismos que beneficiam a saúde das crianças em tratamento, numa abordagem de ensino-aprendizagem. Entender o plano educacional para o enfermo em tratamento de saúde é de extrema relevância, visto que isso se torna função inteiramente do pedagogo hospitalar para que assim consiga otimizar este trabalho. Para assegurar o equilíbrio emocional partindo do suporte dos familiares e dos profissionais da saúde é possível resgatar a habilidade cognitiva desses pacientes.

Partindo dessas contribuições é possível compreender que a escolarização hospitalar, através do acompanhamento pedagógico por profissionais da educação, pode transformar o estado de saúde das crianças que estão hospitalizadas. Segundo Jesus (2009, p. 82) “o trabalho pedagógico, nesse contexto, é certamente uma perspectiva nova, porém altamente pertinente e necessária, não menos complexa, tanto para o pedagogo como para a equipe hospitalar, hospitalizados e acompanhantes”.

A pedagogia hospitalar exige um novo perfil de educadores que atuam em um sistema integrado, onde as relações multi/inter/interdisciplinares devem ser estreitas, pois requer profissionais com abordagens avançadas, com uma perspectiva holística da realidade hospitalar e conseqüentemente a realidade da criança hospitalizada. Seu papel primordial não é salvar a escolarização, mas mudar essas duas realidades, fazer o sistema fluir, reuni-las e integrá-las.

Segundo Matos e Mugiante (2006), a multidisciplinaridade se refere aos diferentes saberes estabelecidos no ambiente hospitalar, que são propícios a uma melhor qualidade de vida; a interdisciplinaridade é o vínculo interno da equipe profissional inseridos nas relações do ambiente hospitalar e por fim a interdisciplinaridade que não enfoca apenas em aspectos físicos e biológicos, mas também em visões que são inerentemente valorizadas com afeição, dedicação, adoração, entre outros, de suma importância dentro deste espaço essencial.

Diante deste contexto evidencia-se a relevância que o pedagogo hospitalar possui perante o processo de internação de crianças e jovens no ambiente hospitalar. Apesar de todo aparato que as leis e documentos proporcionam para o enfermo, sabe-se que na dentro dos hospitais a realidade é outra. Os professores ou pedagogos que atuam dentro de do ambiente hospitalar precisam lidar com grandes obstáculos no que diz respeito ao desenvolvimento do seu trabalho.

CAPITULO 3

A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO PARA CRIANÇAS HOSPITALIZADAS: AS BRINQUEDOTECAS E OS ESPAÇOS DE RECREAÇÃO NA APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS: A EXPERIENCIA DO ESPAÇO ACOLHER

A implementação da Lei nº 11.104, de 21 de março de 2005, refere-se obrigatoriedade de instalações de brinquedotecas nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação, como já foi antes mencionado. Tendo em vista que de acordo com o Art. 2º, considera-se brinquedoteca, para os efeitos dessa lei, o espaço provido de brinquedos e jogos educativos, destinados a estimular as crianças e seus acompanhantes a brincar.

Dentro dos ambientes hospitalares o lúdico é visto como uma medida terapêutica, que promove a continuidade do desenvolvimento infantil e possibilita o restabelecimento físico e emocional, por tornar a hospitalização menos impactante. A experiência da hospitalização na infância é considerada uma situação potencialmente traumática, que pode desencadear o

surgimento de diversos sentimentos como angústia, ansiedade e medo podendo provocar alterações no desenvolvimento da criança e comprometer seu processo de interação com as pessoas e o meio em geral.

O brincar está diretamente ligado com a redução da tensão, raiva, frustração, ansiedade e qualquer outro tipo de sentimento ligado à internação, e funciona como atividade-meio, ou seja, atividade esta que atuará como ligação entre a criança e o profissional, pois facilitará o processo, resultando na obtenção dos objetivos anteriormente estabelecidos. Segundo Oliveira (2008, p.30.):

[...] a alegria, animação e o envolvimento dão mais agilidade não só a nossos pensamentos, como a nossos movimentos. A importância do brincar no ambiente hospitalar vem, portanto, colaborar com o bem-estar integrado e biopsicossocial da criança, favorecendo inclusive a sua melhor compreensão do que está se passando consigo.

Os brinquedos e as brincadeiras não são meros divertimentos, pois servem como suporte para que a criança atinja seu desenvolvimento emocional e cognitivo, propiciando-lhe interação dos conteúdos nas diferentes formas de pensar, e facilitando a assimilação e entendimento de muitos conceitos. As atividades lúdicas possibilitam alterações no ambiente hospitalar, favorecendo uma melhor aceitação ao tratamento e promovendo interações entre profissionais e familiares. O lúdico deve ser utilizado como ferramenta diária nas atividades da equipe de saúde, contribuindo para o desenvolvimento de uma assistência de qualidade.

A ludicidade é um dos melhores instrumentos que o pedagogo hospitalar pode utilizar em seu trabalho, é através do lúdico que se torna possível explorar novos conhecimentos matemáticos com as crianças e jovens hospitalizados. O pedagogo precisa saber lidar com as necessidades do indivíduo e procurar as melhores estratégias e recursos para gerar o interesse no aprendiz, pois ele se encontra em um momento frágil da sua vida.

Com a utilização de recursos audiovisuais e jogos com fins educativos, é possível despertar o interesse da criança, levando assim, de forma indireta, o conhecimento até ele. O uso de jogos contribui bastante para a aprendizagem no ambiente hospitalar, uma vez que o pedagogo tem que saber utilizar esses jogos de forma adequada, para que assim se consiga transmitir algum tipo de conhecimento para o educando.

Os jogos infantis, nos dizeres de Piaget (1994), constituem-se "admiráveis instituições sociais" por meio deles, as crianças desenvolvem conceitos de autonomia e reciprocidade, ordem e ritmo. Por intermédio de seus brinquedos e brincadeiras, as crianças possuem a chance de estabelecer canais de comunicação com o mundo adulto, abrindo portas para o diálogo, onde constroem seu controle interior e traduzem livremente a realidade externa que vivenciam.

Partindo dessas exposições, é possível concluir que não basta apenas entregar o jogo para o aluno com a intenção de que seja apenas um passatempo, mas sim que tenha fins educativos ajudando assim seu autoconhecimento e conseqüentemente sua aprendizagem. É válido ressaltar que a ênfase na ludicidade em prol da aprendizagem não representa, necessariamente, a continuidade da escolarização.

É necessário que haja um conjunto de ações e projetos a serem desenvolvidos para trabalhar com esta criança que se encontra hospitalizada, buscando sempre minimizar os efeitos causados pela internação. Cunha (2008, p.72) cita alguns objetivos da brinquedoteca hospitalar:

- Preservar a saúde emocional da criança ou do adolescente, proporcionando oportunidades para brincar, jogar e encontrar parceiros.
- Preparar a criança para situações novas que irá enfrentar, levando-a a familiarizar-se com roupas e instrumentos cirúrgicos de brinquedo por meio de situações lúdicas, a tomar conhecimento de detalhes da vida no hospital e do tratamento a que vai ser submetida.
- Dar continuidade à estimulação de seu desenvolvimento, pois a internação poderá privá-la de oportunidades e experiências de que necessita. Se a hospitalização for longa, pode ser necessário um apoio pedagógico para que a criança não fique muito defasada no seu processo de escolarização.
- Proporcionar condições para que a família e os amigos que vão visitar a criança encontrem-se com ela em um ambiente favorável, que não seja deprimente nem vá aumentar a condição de "vítima" em que já se encontra. Um brinquedo ou um jogo pode facilitar o relacionamento, tornando-o mais alegre.
- Preparar a criança para voltar para casa, depois de uma internação prolongada ou traumática.

Portando, após a leitura desses objetivos, é possível compreender que a utilização da brinquedoteca em ambientes hospitalares, é de suma importância para que a criança possa dar continuidade em seu tratamento e no seu processo de escolarização. Torna-se válido ressaltar que todo trabalho desenvolvido dentro das brinquedotecas, não pode ser confundido com uma simples recreação, pois contribuirá para o seu aprendizado.

3.1 SOBRE O ESPAÇO ACOLHER

Por meio da entrevista que foi realizada com a pedagoga que atua como docente no Espaço, este ambiente é uma casa de apoio da Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará que funciona como enfermaria, mas é fora da Fundação e atende meninas escarpeladas em sua maioria ribeirinhas, bem como do Baixo Tocantins, Marajó I e II, Xingu e Baixo Amazonas. A maior parte delas não possuem residência em Belém e acabam residindo no espaço durante seu período de tratamento. O Espaço também recebe crianças com outras patologias que não dispõem de aposento no município, tal como seus familiares e acompanhantes.

O objetivo da Classe Hospitalar Acolher é dar continuidade ao processo de desenvolvimento e aprendizagem de pacientes vítimas de escarpelamento, assegurando os vínculos escolares durante todo o tratamento. Também visa criar condições para o resgate da autoestima dos pacientes que residem no espaço, minimizando suas perdas físicas, sociais, psicológicas e cognitivas. Favorecer a humanização, diminuir a ociosidade e problemas decorrentes ao escarpelamento, de forma com que valorize a potencialidade de cada paciente.

As atividades são desenvolvidas em três espaços:

- 1- **Brinquedoteca:** desenvolvimento de atividades lúdicas que propiciem alegria, socialização, bem-estar físico e emocional a crianças e adolescentes.
- 2- **Sala de Apoio Pedagógico:** espaço organizado e equipado para facilitar a aprendizagem de alunos/pacientes regularmente matriculados na rede educacional, pública ou privada, da capital ou interior, nos períodos em que se encontrem no hospital internados ou em tratamento ambulatorial, sempre em parceria com a escola de origem desses alunos.
- 3- **Espaço de convivência com as professoras:** espaço organizado para desenvolver atividades curriculares complementares, além de eventos, datas comemorativas, oficinas de artes, dentre outros.

Todos os profissionais que trabalham no Espaço Acolher são da Secretaria de Educação (SEDUC), onde possuem convênio com os hospitais. Em média são atendidas cerca de dez a quinze meninas fixas por vez e no ano são realizados mais de cem atendimentos. O referencial do Espaço Acolher é Paulo Freire, princípios freiriano, pois segundo a pedagoga não se há melhor maneira para trabalhar com as crianças escarpeladas do que essa. O espaço conta com uma equipe de psicólogos, enfermeiros, assistentes sociais e professores, bolsistas da

Universidade Estadual do Pará e demais profissionais de apoio, tudo para melhor atender as crianças que ali estão.

Ao ser questionada acerca do recebimento de verba para manter o Espaço, a pedagoga responde que:

A gente recebe material da Secretaria de Educação, né? Que enviou pra cá. Mas a Santa Casa ajuda em alguma coisa, a gente recebe muito voluntariado também. Algumas universidades, aí deixam o material pra gente, alguns alunos também deixam o material aqui. A Marinha do Brasil entregou dois computadores pra gente.

É válido ressaltar que a Classe Hospitalar do Espaço Acolher se tornou referência no Brasil, sendo homenageada em um evento nacional, uma vez que existe apenas quatro classes de referência no Brasil, a mesma conseguiu se destacar através de muito esforço e trabalho, fazendo a diferença e mostrando ao mundo o lindo e importante papel que fazem na vida de cada paciente.

3.2 SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA DO ESPAÇO ACOLHER

Ao abordar a prática pedagógica do Espaço Acolher, faz-se necessário conceitua-la primeiramente, uma vez que para Veiga (1992, p. 16) a prática pedagógica é “(...) uma prática social orientada por objetivos, finalidades e conhecimentos, e inserida no contexto da prática social, a prática pedagógica é uma dimensão da prática social”. A Classe hospitalar do Espaço Acolher apresenta como proposta um trabalho estruturado com atendimentos específicos, para cada nível de ensino, com ações de escolarização, ministradas por professoras da Secretaria Estadual de Educação, que contribuem para assegurar o direito à educação, cidadania e resgate da autoestima dos educandos atendidos. Os atendimentos acontecem de forma individualizada ou em grupos de alunos, de acordo com os ciclos e anos da educação básica.

Anos iniciais: 1º e 2º ciclos (1º, 2º, 3º 4º e 5º anos) e anos finais: 3º e 4º ciclos (6º, 7º, 8º, 9º anos) do Ensino Fundamental. Também o 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio, assim como, as 1ª, 2ª 3ª e 4ª etapas da modalidade da Educação de Jovens e Adultos, de acordo com as demandas surgidas durante o ano letivo.

Segundo a pedagoga o Espaço é vinculado à uma escola chamada Barão do Rio Branco de ensino regular, onde dispõem de um código de educação especial. Pois, as meninas que são atendidas acabam sendo incluídas como pessoas com deficiência, necessitando de práticas que

envolvam a inclusão das mesmas dentro das escolas. O Espaço conta juntamente com o apoio de outras pessoas e instituições para contribuir com o aprendizado dessas meninas. As atividades são feitas e inseridas no plano de trabalho como ações exteriores.

O centro dispõe de um plano de trabalho que organiza todas as atividades que serão ministradas pelos profissionais que lá atuam, bem como um projeto chamado Guarda-chuva que contém imagens amazônicas. Sobre ele a pedagoga afirma que:

Nós temos dois tipos de trabalho, esse vinculado ao projeto guarda-chuva que é um projeto de pesquisa e o outro é material de apoio da BNCC¹, que são os objetos do conhecimento que chamávamos antigamente de conteúdo. E aí se a gente sente que uma aluna está com uma falha ou lacuna nas quatro operações. Entramos com o material de apoio pra ajudar.

Ao ser questionada se há professores para todas as disciplinas, a entrevistada responde que:

Não, como nós trabalhamos com áreas de conhecimento e na pedagogia hospitalar a gente estudou bastante outros espaços no Brasil, entendemos que não se pode encher o hospital de professores. Então cada professor pra uma área, nós somos duas pedagogas e trabalhamos com a educação infantil até o quinto ano direto com as meninas menores e também trabalhamos a parte de cultura social com as alunas maiores. Tem uma professora de matemática e ciência, uma outra de linguagem que trabalha a área da linguagem, gramática, redação, arte e tem um professor que entrou agora e está começando a trabalhar a área de humanas, Sociologia, História, Geografia, Estudos Amazônicos.

A pedagoga ressalta a importância da tecnologia e da escrita:

(...) a gente tem grupo de WhatsApp, tem a internet, tem vários outros *sites* que a trabalhamos com elas que é pra movimentar esse trabalho. Não deixamos de trabalhar a escrita com elas, sabe? Porque é muito importante quando elas voltam lá pra dentro da Amazônia Paraense, pois elas não têm isso aí. A leitura, a escrita, o livro. Mas isso não quer dizer que elas não possam ficar por dentro das tecnologias, em qualquer momento elas podem acessar quando tiver internet. Aqui tem internet só pra elas.

Toda criança que é atendida pelo espaço possui uma equipe toda voltada para ela, se concentrando apenas na mesma. Já no que se refere a parte pedagógica, a pedagoga afirma que muitas meninas quando chegam lá:

¹ Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica.

(...) dizem que estão no quinto ano. Aí quando a gente vai fazer a avaliação diagnóstica elas não estão no alfabético. Estão no pré-silábico e aí você tem que fazer todo esse processo silábico, pré-silábico, pra chegar no alfabético e começar o trabalho. Em cada região é um nível diferente. A gente não sabe o que é que está acontecendo. Tentamos contato com essas secretarias de educação do interior, mas sabemos que tem complicação nesse esse processo de alfabetização e letramento ainda dentro da Amazônia, bem complicado.

A profissional destaca a relevância do uso de imagens afetivas, estas que por sua vez são imagens que a criança possui uma certa familiaridade, elementos que estão presentes no seu dia-a-dia. Salienta a criação de um caderno pedagógico desenvolvido pelo próprio Espaço Acolher juntamente com as crianças para trabalhar a alfabetização. Assim elas podem olhar as imagens tais como, o açaí, a farinha, o jacaré e tornar o processo de alfabetização e letramento mais fácil.

A respeito do caderno pedagógico a pedagoga diz que:

Nós construímos este caderno porque a gente não conseguia alfabetizar essas meninas igual as escolas fazem, aí eu e a outra pedagoga criamos, a história da Madi que é uma menina de São Sebastião da Boa Vista e que tinha muita dificuldade na alfabetização, resolvemos trazer essas imagens (casas ribeirinhas), foi uma fotografia do Museu Emilio Goldi que cedeu pra gente. Então elas vão olhando as imagens e vão se identificando e aí a gente começa o processo de alfabetização. Com algo que elas já estão acostumadas e que são as imagens afetivas. As frases foram elas que criaram e aí você faz milhares de coisa, até com as alunas do ensino médio. Tudo imagem afetiva, cupuaçu, tucumã, pupunha.

A entrevistada faz uma relação entre pedagogia e acolhimento, onde diz que:

O acolhimento a gente coloca emoção, né? Muitas vezes pra gente fazer o trabalho pedagógico, precisamos dessa emoção, desse acolhimento, desse diálogo. Primeiro fazemos tudo isso e depois o trabalho pedagógico. Principalmente com elas, porque não é fácil. O atendimento na Santa Casa, ficar longe da família, ficar longe do habitat delas. Então quando elas chegam aqui a gente tem que primeiro fazer esse trabalho de acolhimento, de emoção, de diálogo e aí depois fazemos o trabalho pedagógico. Daí você consegue êxito se não, não consegue.

A pedagogia Hospitalar é confundida muitas vezes dentro do hospital como terapia ocupacional, mas precisa ser vista de fato como escolarização. A parte lúdica deve existir, pois faz parte de todo esse processo, porém não deve ser confundida. O Espaço Acolher viu a oportunidade de criar o seu próprio currículo, incluindo o trabalho das escolas ribeirinhas. Mas ao mesmo tempo não saíram da BNCC.

4. CONCLUSÃO

Nos resultados da pesquisa é possível constatar a importância da prática pedagógica para crianças escalpeladas que são atendidas pelo Espaço Acolher da Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará, ressaltando a relevância do diálogo entre saúde e educação, visando auxiliar no processo de ensino e aprendizagem das mesmas. O papel do pedagogo dentro do ambiente hospitalar está conectado diretamente com a maneira que essas crianças iram consolidar o seu processo de escolarização, obtendo assim resultados positivos no seu desenvolvimento.

A pedagogia hospitalar é um importante ramo da educação, ela visa a ação do educador em um ambiente que nada se remete à escola, viabiliza o ensino para crianças que por motivo de doença, no caso desta pesquisa crianças que foram escalpeladas, e necessitam de tratamento por determinado período de tempo se ausentando assim do ambiente escolar e que em sua maioria carecem de atendimento escolar diferenciado e especializado.

Aplicar as leis que asseguram os direitos à educação dentro de um hospital torna-se imprescindível para as crianças, bem como seus familiares e até mesmo para sua evolução durante o período de tratamento. Uma vez que ao perderam parte parcial ou total do couro cabeludo, além de resultar em mutilações físicas, envolve também inúmeras sequelas emocionais, tais como, sua autoestima, seu bem estar, seu humor e sua sociabilidade. Essas crianças e jovens encontram-se extremamente fragilizadas em sua maioria, portanto saber como aborda-la é fundamente durante este processo.

As práticas pedagógicas estruturam-se em torno de intencionalidades previamente estabelecidas, e tais práticas exercidas pela pedagoga auxiliam na recuperação da criança, pois desenvolvem um papel fundamental na reabilitação da sua saúde, de forma a minimizar as consequências do seu processo de tratamento e auxiliar no desenvolvimento das suas potencialidades. Para que a criança não seja prejudicada, o ambiente hospitalar deve proporcionar atividades lúdicas, que sirvam de estímulos para a sua evolução e adaptação neste novo ambiente no qual ela se encontra.

Compreender a debilidade e o fato de que nem sempre essas crianças conseguiram executar todas as atividades que lhes são impostas, torna-se parte fundamental no seu processo de escolarização. Uma vez que elas necessitam estar bem fisicamente para aprenderem. As adaptações essenciais serão feitas através da mediação do pedagogo para que ele possa oferecer

a criança ou adolescente um momento de socialização, diversão e aprendizagem durante este tempo que passará no Espaço.

Deste modo, as pedagogas que atuam no Espaço Acolher exercem um importante papel no âmbito educacional, social e humano. A disposição e o preparo que elas possuem para enfrentar todas as situações que precisem da sua mediação e conhecimento, torna-se crucial na vida das crianças e jovens que são atendidas. Suas contribuições para o desenvolvimento psicológico e educacional na vida dessas pacientes devem ser ressaltadas, bem como o bonito e significativo papel que elas desenvolvem neste Espaço. Nos dias de hoje necessitamos de uma sociedade mais humana e transformadora, pois é nisto que acredito estar vinculada a Pedagogia Hospitalar.

5. REFERÊNCIAS

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Senado, 1988.

BRASIL. Decreto Lei n 1044/69, de 21 de outubro de 1969. **Dispõe sobre o tratamento excepcional para os alunos portadores das afecções que indica**. Brasília, DF, 21 de outubro de 1969. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del1044.htm. Acesso em: 29 abr. 2019.

CECCIM, Ricardo B. e FONSECA, Eneida S. da. **Classe hospitalar. Buscando Padrões e Referências de Atendimento. Pedagógico-educacional á criança e adolescente hospitalizado**. Integração, Ministério da Educação/ Secretaria da Educação Especial, 1999.

DUTRA, Vanessa A. **História da pedagogia hospitalar no brasil**, 2009. Trabalho (Conclusão de Curso) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina - PR.

Estatuto da Criança e do adolescente. Lei 8.069 de 13 de julho de 1990. 9º. ed. Brasília: Biblioteca digital da Câmara dos Deputados, 2012.

ESTEVES, Cláudia R. **Pedagogia Hospitalar: um breve histórico**. Disponível em: <https://docplayer.com.br/1882530Pedagogiahospitalarumbrevehistorico.html#:~:text=1%20PEDAGOGIA%20HOSPITALAR%3A%20um%20breve,em%20harmonia%20com%20a%20vida>. Acesso em: 24 janeiro 2022.

JESUS, Viviane Bonetti Gonçalves de. Atuação do pedagogo em hospitais. In: MATOS, Elizete Lúcia (Org.). **Escolarização hospitalar: educação e saúde de mãos dadas para humanizar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas**. Curitiba: Editora da UFPR., 2001.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos: para quê?** São Paulo: Cortez, 1998.

MACHADO, Izaltina de Lourdes. **Educação Montessori: de um Homem Novo para um Mundo Novo**. São Paulo: Pioneira, 1986.

MATOS, Elizete Lúcia Moreira; MUGIATTI, Margarida Maria Teixeira de Freitas. **Pedagogia Hospitalar: a humanização integrando educação e saúde**. 4º. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

MATOS, Elizete Lúcia Moreira; MUGIATTI, Margarida Maria Teixeira de Freitas. **Pedagogia Hospitalar: a humanização integrando educação e saúde**. 6ª ed. Petrópolis, 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza *et al.* **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 21º ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MONTESSORI, Maria. **Mente Absorvente**.: Rio de Janeiro: s/d.

OLIVEIRA, V. B. de. O lúdico na realidade hospitalar. In: VIEGAS, D. (Org.) **Brinquedoteca hospitalar: isto é humanização**. 2º ed. Rio de Janeiro: Wak, 2008.

ORTIZ, Leodi Conceição; FREITAS, Soraia Napoleão. **Classe Hospitalar: caminhos pedagógicos entre saúde e educação**. UFSM. 1ª ed. Santa Maria, 2005.

PIAGET, Jean. **O Juízo Moral na Criança**. São Paulo: Summus, 1994.

SANTOS, Marilene Ribeiro. **Classe Hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações**. Secretaria de Educação Especial, 2002. Disponível em: portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/livro9.pdf. Acesso em: 18 jun. 2019

SEBARROJA, Jaume C. **Pedagogias do século XX**. Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2003.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23º. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Didática: o ensino e suas relações**. Papirus: Campinas, 2014.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **A prática pedagógica do professor de Didática**. 2º. ed. Papirus: Campinas, 1992.

ANEXOS

ANEXO A: TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DA ENTREVISTA

ANEXO B: TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA COLETA DE DADOS DO LOCAL

ANEXO C: FOTOS DO CADERNO PEDAGÓGICO DESENVOLVIDO PELAS PEDAGOGAS E ALUNAS ATENDIDAS PELO ESPAÇO ACOLHER.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS - FAECS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE ENTREVISTA

Eu _____, pedagoga da instituição do Espaço Acolher depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha entrevista, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora discente **Thais Mota Gomes** e sua orientadora a Professora Dr^a **Mariza Felipe Assunção**, a utilizarem as fotos que se façam necessárias e/ou a colher minha entrevista, desde que preserve minha identidade, sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes. Tenho consciência que a pesquisa intitulada **PEDAGOGIA HOSPITALAR: A PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ESPAÇO ACOLHER DA FUNDAÇÃO SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DO PARÁ** se constitui num instrumento de grande valia para os meios acadêmicos.

Abaetetuba, ____ de _____ de 2022.

Pesquisador (Discente) responsável pela pesquisa

Sujeito da Pesquisa



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS – FAECS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, Thais Mota Gomes, graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará, Campus de Abaetetuba, venho por meio desta solicitar autorização para utilizar a coleta de dados referentes ao Espaço Acolher que possui convênio com a Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará. Ressaltando que não serão utilizadas fotos referentes ao local e as pessoas que ali se encontram, preservando a identidade dos mesmos. A pesquisa intitulada como *Pedagogia Hospitalar: a prática pedagógica do Espaço Acolher da Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará*, conta com a orientação da Professora Dr^a Mariza Felipe Assunção e se constitui num instrumento de grande valia para os meios acadêmicos.

Belém, ____ de _____ de 2022.

Pesquisador (Discente) responsável pela pesquisa

A HISTÓRIA DE MADI

15

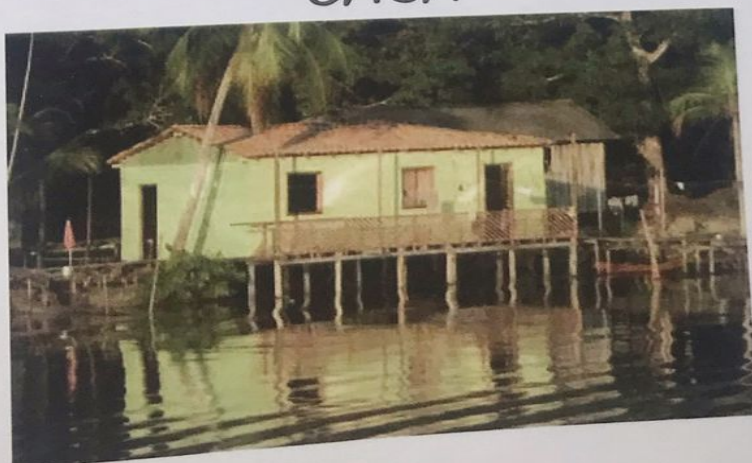
Essa é Madi.
mora bem perto do rio, no
interior da Amazônia. Você vai
conhecer um pouco
vida e de seus costumes.



ESTA É MINHA CASA. ELA
FICA PERTO DO RIO. EU
MORO NO INTERIOR DA
CIDADE DE BREVES, NO
ESTADO DO PARÁ.



CASA



16

NO MEU QUINTAL TEM
MUITAS ÁRVORES DE
AÇAÍ. O AÇAÍ É UM
FRUTO ROXINHO QUE
AMASSAMOS E TOMAMOS
MISTURADO COM
FARINHA.



AÇAÍ



AÇAIZEIRO

ARARAS



TAMBÉM ALGUMAS
FRUTAS GOSTOSAS.



Vêja que cupuaçu bonito!

CUPUAÇU 19



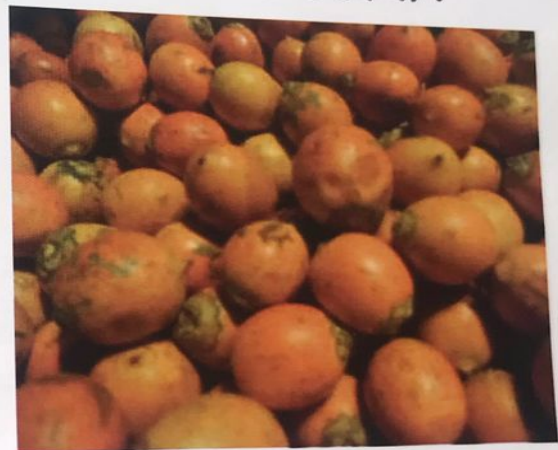
ABACAXI



Você gosta de
suco de abacaxi?

Pupunha pode ser
comida com café.

TUCUMÃ



O tucumã tem caroço.

PUPUNHA



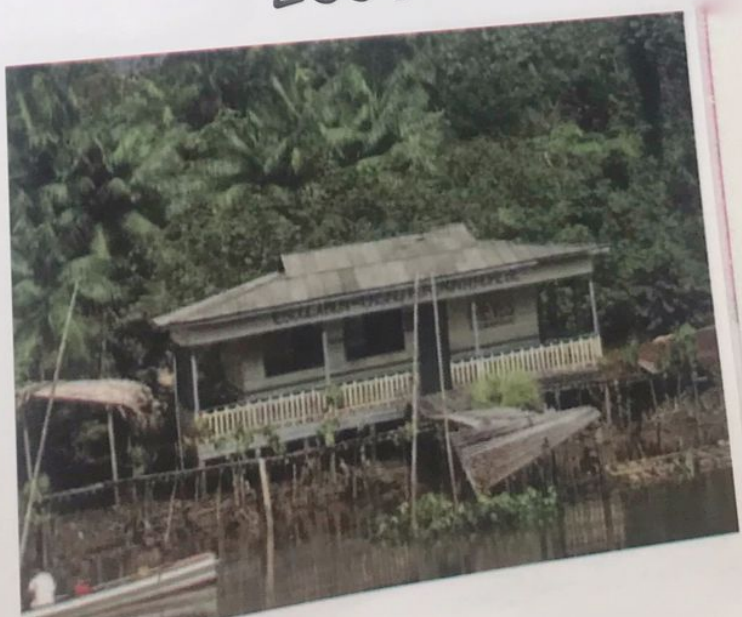
TODOS OS DIAS
PEGO O BARCO ATÉ
A MINHA ESCOLA.

BARCO



ESCOLA

Minha escola é bem diferente.
É uma casa onde todos estudam em grupos pequenos.
Ela fica no meio da floresta na beira do rio.





CANOA

TENHO ALGUNS AMIGOS QUE CHEGAM DE CANOA NA ESCOLA: JENI, VIVI E PEDRO.

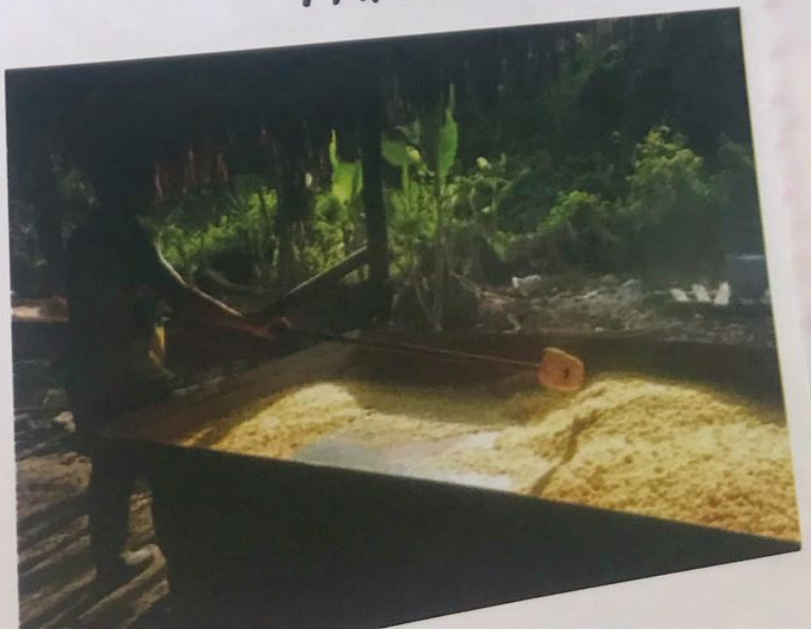
23



ENQUANTO ESTUDO MEUS PAIS TRABALHAM FAZENDO FARINHA.



FARINHA



A farinha é boa torradinha.